



ADMINISTRACIÓN – GESTIÓN – CALIDAD

A morte e o processo de morrer: sentimentos manifestados por enfermeiros

La muerte y el proceso de morir: sentimientos manifestados por los enfermeros

Death and the dying process: feelings expressed by nurses

***Souza e Souza, Luis Paulo **Mota Ribeiro, Juliana **Barbosa Rosa, Renata
Ribeiro Gonçalves, Renata Cristina *Oliveira e Silva, Carla Silvana
*****Barbosa, Dulce Aparecida**

*Graduando em Enfermagem. E-mail luis.pauloss@hotmail.com **Enfermeira ***Enfermeira, Professora da Faculdade de Saúde e Desenvolvimento Humano Santo Agostinho de Montes Claros.**** Enfermeira, Doutoranda em Ciências pela UNIFESP. Profesora da Universidade Estadual de Montes Claros e da Faculdade de Saúde e Desenvolvimento Humano Santo Agostinho. *****Pós Doutora em Ciências. Professora Livre docente e Associada da Escola Paulista de Enfermagem. Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP. São Paulo, Brasil.

Palavras chave: Morte; atitude frente à morte; enfermagem; Unidades de Terapia Intensiva.

Palabras clave: Muerte; actitud frente a la muerte; enfermería; Unidades de cuidados Intensivos

Keywords: Death; Attitude to death; Nursing; Intensive Care Units.

RESUMO

O estudo objetivou conhecer os sentimentos vivenciados pelos enfermeiros diante da morte e o processo de morrer. Pesquisa qualitativa, realizada com sete enfermeiros de uma UTI de um hospital em Montes Claros, Minas Gerais. Utilizou-se entrevista não estruturada para coleta dos dados, os quais foram analisados utilizando a técnica de análise do conteúdo. O enfrentamento dos entrevistados diante da morte é permeado por sentimentos como: impotência, angústia, sofrimento, medo, os quais interferiram na assistência prestada ao enfermo e sua família. Por outro lado, apesar da vivência constante com a morte, os enfermeiros ainda se sensibilizam com o processo de morte.

RESUMEN

El estudio pretende conocer los sentimientos experimentados por las enfermeras frente a la muerte y el proceso de morir. Investigación cualitativa, realizada con siete enfermeras de una UCI de un hospital en Montes Claros, Minas Gerais. Se utilizó entrevista no estructurada para la recolección de datos, que se

analizaron mediante la técnica de análisis de contenido. La confrontación de los encuestados frente a la muerte está impregnada de sentimientos tales como: impotencia, angustia, sufrimiento, miedo, que interfirieron en la asistencia prestada al enfermo y a su familia. Por otro lado, a pesar de la vivencia constante con la muerte, las enfermeras aún se sensibilizan con el proceso de muerte.

ABSTRACT

The study aimed to know the feelings experienced by nurses in the face of death and dying process. Qualitative research, conducted with seven nurses of a UTI from a hospital in Montes Claros, Minas Gerais. Unstructured interview was used for data collection, which were analysed using the technique of content analysis. The confrontation of respondents in the face of death is permeated by feelings such as: impotence, distress, suffering, fear, which interfered in the assistance provided to the patient and his family. On the other hand, despite the constant experience with death, the nurses still raise with the process of death.

INTRODUÇÃO

Falar sobre morte, abstrata ou específica, é falar do que se está fazendo, do que não se fez, de plano, sonhos, perdas, do tempo que se foi, do que ainda resta. A morte do outro é uma lembrança da própria morte, e nisto consiste a dificuldade das pessoas em dar àqueles que morrem a ajuda e a afeição de que necessitam, ao se despedir dos outros⁽¹⁾.

Em relação à habilidade em lidar com o processo de morte e morrer, a diferença básica entre leigos e os profissionais de saúde é que na vida destes, a morte faz parte do cotidiano e pode se tornar sua companheira de trabalho diário. Porém perceber a morte pode constituir um acesso para o conhecimento sobre a morte e o morrer⁽²⁾.

Frequentemente os profissionais de saúde, mais especificamente os enfermeiros, são expostos a casos de enfrentamento da morte de pessoas sob seus cuidados, encontrando dificuldades em encará-la como parte integrante da vida, tendo-a como resultado do fracasso terapêutico e do esforço pela cura. Estudar as concepções culturais do processo saúde-doença-morte nas diferentes sociedades pode proporcionar uma possibilidade de compreensão aos profissionais de enfermagem de seus próprios valores e crenças diante da morte e do processo de morrer, bem como suas atitudes e ações relacionadas com as questões do cotidiano que influenciam na vida pessoal e profissional⁽³⁾.

A simples convivência diária com a morte não isenta os profissionais de expressão de sentimentos ruins, pelo contrário, é necessário que tenham melhor compreensão sobre esse fato, para poderem sofrer menos, controlar as emoções e melhor ajudar os pacientes e seus familiares, que embora a morte faça parte da vida e seja exatamente esta perspectiva que vai ressignificar a própria vida, falar sobre o tema sempre assustou o ser humano, mesmo em se tratando dos profissionais de saúde, cômicos da impotência humana e da própria morte⁽⁴⁾.

Diante desta constatação, surge, então, a necessidade dos enfermeiros quebrarem o silêncio e ousarem falar de suas dores, medos, do luto que deve ser elaborado, a fim de que suas demandas sejam atendidas e, conseqüentemente, os cuidados sejam seja melhor prestado. Torna-se importante que eles se permitam entristecer e não se sintam culpados^(1, 5). Diante desse contexto, veio o seguinte questionamento: Quais os sentimentos vivenciados pelos Profissionais Enfermeiros diante da morte e do processo de morrer?

A morte significa, normalmente, dor e solidão para os que ficam. Portanto, sob este prisma, não é apenas a destruição de um estado físico e biológico que ela traz, mas também o fim de um ser em correlação com o outro⁽⁶⁾.

Assim, este estudo objetivou conhecer os sentimentos vivenciados por enfermeiros diante da morte e o processo de morrer.

METODOLOGIA

Trata-se de estudo qualitativo, de caráter exploratório-descritivo. Participaram do estudo enfermeiros que atuavam na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) de um Hospital Filantrópico em Montes Claros, norte de Minas Gerais, Brasil.

Como critério de inclusão, levou-se em conta o fato de ter vivenciado a morte no emprego atual e o desejo em participar do estudo. Assim, totalizaram-se sete enfermeiros entrevistados. Para coleta dos dados, utilizou-se entrevista não estruturada, abordando aspectos inerentes à vivência profissional ao lidar com a morte e o processo de morrer.

As entrevistas foram realizadas na própria UTI, no mês de maio de 2011, individualmente, com data e horário pré-agendado de acordo com a disponibilidade dos participantes. As falas foram gravadas e transcritas na íntegra para preservar as expressões de linguagem utilizadas pelos colaboradores. Após transcrição, foi realizada análise dos dados através da técnica de análise de conteúdo⁽⁷⁾. Para garantir o sigilo das identidades dos entrevistados, utilizamos nomes fictícios, para a apresentação de trechos dos depoimentos.

Ressalta-se que todos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Associação Educativa do Brasil – SOEBRAS- por meio do parecer CAAE – 0044.0.445.000-11/ SISNEP.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A circunstância de óbito em ambiente hospitalar, situação na qual se dá a materialização do processo de morrer e da morte é, certamente, uma experiência impregnada de significações científicas, mas também sociais culturais e principalmente subjetivas⁽⁸⁾.

A partir das análises das falas, emergiram as seguintes categorias: “Conceito de morte”; “Sentimentos em relação à morte no seu local de trabalho”; “Reações diante da morte e do processo de morrer”, as quais serão discutidas a seguir:

Conceito de morte

Antes de falar sobre morte, torna-se importante conceituá-la. A pergunta “o que é a morte?” tem múltiplas respostas e nenhuma delas conclusivas, pois a questão transcende os aspectos naturais ou materialistas e até, biologicamente, é difícil uma resposta unânime⁽⁹⁾.

Autores afirmam que morrer, cientificamente, é deixar de existir. É quando o corpo tem falência de seus órgãos vitais, tendo uma parada progressiva de toda atividade

do organismo, podendo ser de uma forma súbita, doenças agudas ou acidentes, ou lenta, doença crônico-degenerativa, seguida de uma degeneração dos tecidos⁽⁹⁾.

Quanto ao conceito, os entrevistados responderam da seguinte forma:

“É o tempo que a pessoa já cumpriu aqui na terra e vai viver em outro espaço, outro lugar diferente desta aqui, humana”. (Luciana)

“A morte para mim é um fenômeno natural que hoje é muito discutida né, entre as religiões.” (Fabiana)

“A morte é um momento de transição, eu acredito que depois tem um lugar especial guardado para cada um.” (Fabíola)

As falas dos entrevistados mostram que a morte é compreendida como uma etapa natural, que faz parte da vida humana e que tem conotações diferentes, devido a aspectos individuais e religiosos dos entrevistados. Percebeu-se ainda que existe um medo, um tabu ao falar sobre a morte para alguns profissionais.

Autores esclarecem que, muitas vezes, os profissionais criam um mecanismo de defesa de manter-se a distância, manifestar comportamento de frieza em relação às situações, assim como aparente equilíbrio, na tentativa de manejar de forma mais adequada à situação⁽¹⁾.

Sentimentos em relação à morte no seu local de trabalho

Sabe-se que os profissionais de enfermagem se encontram mais próximos dos pacientes e estão em contato permanentemente com as pessoas doentes e, na Unidade de Terapia Intensiva, isso fica ainda mais intenso.

Os enfermeiros relataram que a proximidade da morte de um paciente, ao qual dedicou horas de trabalho, pode despertar sentimentos como impotência, tristeza, medo e sofrimento.

Tristeza

“Eu sinto essa tristeza, essa dor, esse incômodo eu sinto em relação a quem fica e não quem vai, quem vai pra mim é mais tranquilo.” (Fabrícia)

Impotência

“(…) mas não tem nenhuma morte que aconteça que a gente não para e pensa; será o que a gente poderia ter feito ou não?” (Fabíola)

Sufrimento

“A gente tenta não sofrer muito, porque esta questão é difícil ainda, mas aqui na UTI que a gente tem óbito quase todos os dias, e a gente tem que estar tentando criar meios pra que a gente não sofra tanto, senão a gente acaba também ficando muito sensível e isso é muito ruim pra gente enquanto profissional.” (Amanda)

Medo

“Eu vejo o paciente aqui morrer, ajudo, tiro os dispositivos, mas se for pra mim ir lá no caixão, no velório, eu não olho, eu não consigo olhar.” (Luciana)

Nota-se que outra preocupação maior dos enfermeiros é com aqueles que ficaram, com a família. O enfrentamento da morte é difícil e angustiante para quem a vivencia, podendo ser mais ainda para quem a observa, porque a morte provoca rupturas profundas entre quem morreu e o outro que continua vivendo⁽⁵⁾.

É notória a dificuldade do enfermeiro em falar sobre o assunto. Contudo, as pausas em alguns discursos, a mudança de olhar, a voz embargada expressam a impotência e o despreparo em lidar com a morte.

É relevante identificar os sentimentos vivenciados pelos enfermeiros na prática da assistência na morte e no processo de morrer, pois se sabe que o autoconhecimento é um processo importante a ser explorado, a fim de melhor lidar com situações que impliquem manifestações de emoções profundas e, nesse caso, a morte⁽¹⁰⁾.

Reações diante da morte e do processo de morrer

Desde a formação, o profissional enfermeiro sente-se comprometido com a vida, e é para preservação desta que deverá sentir-se capacitado. Sua formação acadêmica está fundamentada na cura, e nela está sua maior gratificação. Assim, quando em seu cotidiano de trabalho necessitam lidar com a morte, em geral, sente-se despreparado, e tende a se afastar dela⁽¹¹⁾.

De acordo com as entrevistas, os profissionais tentam, de alguma forma, manter um distanciamento do paciente e de sua família para diminuir a possibilidade de se estabelecer um vínculo afetivo, como se isso pudesse diminuir seu sofrimento no momento em que a morte acomete aquele paciente, como observado nas falas abaixo:

“Às vezes eu até evito um pouco a família porque, quando a família descobre que eu sou a supervisora do setor, a família vêm até mim, ela vem me procurar, então me conhece pelo nome, segura na mão, conversa comigo e isso me arrasa, sabe.” (Amanda)

“A família acaba trazendo um pouco da história desse paciente pra gente, tem uns que trazem fotos e tudo, assim acaba que a gente sofre muito.” (Carla)

“Eu ainda me emociono muito com a morte, principalmente aqueles casos dos pacientes que a gente apega muito com a família.” (Luciana)

“Às vezes a gente sofre mais com a família do que com o próprio paciente que está indo a óbito” (Fabiola)

O sofrimento dos enfermeiros parece ser marcado pelo cumprimento das rotinas. Esses sofrimentos decorrentes do desenvolvimento emocional são fatos vivenciados

na unidade hospitalar e estão diretamente ligados aos valores pessoais, a história de vida e à patologia que acomete o paciente. A morte assumirá o papel de “descanso e alívio” do sofrimento ou ainda de “tragédia”, diferentemente do que julga o senso comum de “frieza” sobre os fatos tristes que ocorrem no dia a dia do hospital, pois esses trabalhadores são “gente cuidando de gente”⁽¹²⁾.

“Quando você vê a família chegando e você tem que ir ali juntamente com o médico dar a notícia de que aquela pessoa foi a óbito, seu filho, sua mãe, seu irmão é muito difícil, porque a gente não sabe o que falar para aquela pessoa?” (Carla)

“E, às vezes, a gente se coloca no lugar daquela pessoa, tem vez que a gente até chora dependendo do caso.” (Fabíola)

Estudiosos cientificam que a morte provoca um sentimento de perda e ao mesmo tempo, um sentimento de conforto, pois, apesar de sentir que a vida está indo, mas aquela pessoa irá ficar livre de seus sofrimentos. Enfrentar esse processo é não fugir de nenhuma situação; é não arrumar desculpas para não estar presente no momento da morte, quando acontecem situações consideradas não agradáveis, é permitido chorar, entristecer-se, sentir o que vem de lá de dentro⁽¹³⁾. Os profissionais de saúde acabam criando mecanismos de defesa que os auxiliam no enfrentamento da morte e do processo de morrer. Por serem preparados para manutenção da vida, a morte e o morrer em seu cotidiano, suscitam sentimentos de frustração, tristeza, perda, impotência, estresse e culpa. Em geral, o despreparo leva o profissional a afastar-se da situação⁽¹⁴⁾.

O surgimento de angústia, frustração, medo e a falta de preparo de alguns enfermeiros em lidar com a morte, muitas vezes, é mencionado como uma falha do ensino de graduação, que não apronta esses profissionais para a dura rotina dos hospitais, que é viver em comum com o sofrimento alheio⁽¹⁵⁾. Esse sentimento de medo leva à reflexão, já que o enfermeiro cria mecanismos e formas para vivenciar a situação do processo de morte e morrer que podem ser positivas ou negativas, tanto para si mesmo, quanto na relação com os outros.

CONCLUSÃO

Verificou-se que no enfrentamento da morte e processo de morrer pelo enfermeiro emergem sentimentos como: impotência, angústia, sofrimento, tristeza, medo. E esses sentimentos interferiram na assistência prestada ao enfermo e sua família, mas, por outro lado, mostrou que, apesar da vivência constante com a morte na sua prática na UTI, os enfermeiros ainda se sensibilizam com o processo de morte. Observou-se, também, uma preocupação e solidariedade constante desses profissionais em relação à família do paciente, sendo esta valorizada e inserida no contexto hospitalar e de cuidado.

Em seus relatos, os pesquisados demonstraram ver a morte como fato natural, mas acabam desenvolvendo uma forma de defesa frente à dor e ao sofrimento. Para eles, esses “distanciamentos” são necessários a fim de evitar prejuízos nos aspectos psicológicos e emocionais.

Observou-se uma contradição nas falas de alguns profissionais, pois apesar de mostrarem indiferentes com o morrer do outro, mostraram também ser impossível

cuidar de alguém sem envolver-se. O modo de separar o sentimento do cotidiano do trabalho consiste na habilidade de reconhecer os próprios sentimentos.

Assim, vale ressaltar a necessidade de construir alternativas para que esses enfermeiros sejam estimulados a pensar, discutir e compreender melhor a morte e o processo de morrer. Percebeu-se que este tema deve ser mais debatido na formação acadêmica, dando ênfase em questões ligadas à emoção, pois é primordial que o profissional de saúde reveja seus conceitos sobre a existência, pois, se assim não o fizer, permanecerá encarando a morte dos pacientes como fracasso, impotência e frustração.

REFERÊNCIAS

1. Aguiar IR, Veloso TMC, Pinheiro AKB, Ximenes LB. O envolvimento do enfermeiro no processo de morrer de bebês internados em Unidade Neonatal. *Acta paul enferm.* 2006;19(2):131-137.
2. Borges MS, Mendes N. Representações de profissionais de saúde sobre a morte e o processo de morrer. *Rev bras enferm.* 2012; 65(2): 324-331.
3. Gutierrez BAO, Ciampone MHT. Profissionais de Enfermagem Frente ao Processo de Morte em Unidade de Terapia Intensiva. *Acta paul enferm.* 2006;19(4):456-461.
4. Sanches PG, Carvalho MDB. Vivência dos enfermeiros de unidade de terapia intensiva frente à morte e o morrer. *Rev gaúch enferm.* 2009;30(2):289-296.
5. Carvalho LS, Silva CA, Santos ACPO, Oliveira MA, Portela SC, Regebe CMC. Percepções de morte e morrer na ótica de acadêmicos de enfermagem: estudo qualitativo. *Online Braz J Nurs [periódico na internet].* 2006 [acesso em 2009 jan 17];5(3). Disponível em: <http://www.uff.br/objnursing/index.php/nursing/article/view/507/116>.
6. Silva Júnior FJG, Santos LCS, Moura PVS, Melo BMS, Monteiro CFS. Processo de morte e morrer: evidências da literatura científica de enfermagem. *Rev bras enferm.* 2011; 64(6):1122-1126.
7. Bardin L. *Análise de conteúdo.* Lisboa: Edições 70; 2009.
8. Nascimento CA, Silva AB, Silva MC, Pereira MH. A significação do óbito hospitalar para enfermeiros e médicos. *Rev RENE.* 2006; 7(1):52-60.
9. Moreira AC, Lisboa MTL. A Morte - Entre o Público e o Privado: reflexões para a prática profissional de enfermagem. *Rev enferm UERJ.* 2006; 14(3):447-454.
10. Oliveira WIA, Amorin RC. A Morte e o Morrer no processo de formação do Enfermeiro. *Rev Gaúcha Enferm.* 2008; 2(3):191-8.
11. Lunardi Filho WD, Sulzbach RC, Nunes AC, Lunardi VL. Percepções e condutas dos profissionais de enfermagem frente ao processo de morrer e morte. *Texto Contex enferm.* 2011;10(3):60-81.
12. Rodrigues IG, Zago MM. A morte e o morrer: maior desafio de uma equipe de cuidados paliativos. *Cienc Cuid Saude.* 2012; 11(suplem.):31-38.
13. Fernandes MEN, Fernandes AFC, Albuquerque ALP, Mota MLS. A morte em unidade de Terapia Intensiva: Percepções dos enfermeiros. *Rev RENE.* 2006; 7(1):43-51.
14. Susaki TT, Silva MJP, Possasi JF. Identificação das fases do processo de morrer pelos profissionais de Enfermagem. *Acta paul enferm.* 2006; 19(2):144-149.
15. Costa JC, Lima RAG. Luto da equipe: revelações dos profissionais de enfermagem sobre o cuidado à criança/adolescente no processo de morte e morrer. *Rev Latino-Am Enferm [Internet].* 2005 Abr [acesso em 2012 jun 18]; 13(2): 151-157. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692005000200004&lng=en.

ISSN 1695-6141

© [COPYRIGHT](#) Servicio de Publicaciones - Universidad de Murcia